

DEZ OBRAS PARA SE PENSAR A CONTRACULTURA DOS ANOS 1960

Mayumi Denise S. Ilari (DLM)

Os chamados “anos 1960” são em geral lembrados como um período de grandes mudanças culturais e de comportamento, e de manifestações estudantis e políticas nas quais os jovens ocuparam o papel de protagonistas em busca de liberdades nas mais variadas frentes: liberdade de expressão, igualdade de gênero e raça, pacifismo, liberação sexual, ecologia e anti-autoritarismos diversos estavam na ordem do dia. De fato, a revolta estudantil dos anos 1967-68 se deu em vários países, de naturezas distintas: iniciando nos Estados Unidos, espalhou-se por países ocidentais, depois aos comunistas, como a Polônia, chegando ao Oriente Médio e à América Latina, para terminar no México, às vésperas das Olimpíadas. Nesse período, sem precedentes na história, os Estados enfrentaram a tiros os filhos das classes dominantes e médias, reprimindo as futuras elites como o teriam feito em ocasiões outras a operários.

Em termos de abrangência da revolta estudantil, o episódio francês iniciado em um subúrbio de Paris, na Universidade de Nanterre, atingindo em seguida a Sorbonne e Saint-Germain-des-Prés, figura como principal referência, no que se refere à repercussão social: ali, por um processo em cadeia, a rebelião da juventude de maio de 1968 atingiria toda a sociedade, de jovens operários aos sindicatos, resultando em greves operárias sem precedentes e literalmente parando a nação. Cohn e Pimenta (2008) apontam a presença de um espírito novo e de slogans de inspiração surrealista que surgiam nos muros da cidade: “A imaginação no poder”; “É proibido proibir”: a alegria e a criatividade anunciavam a invenção e projeção utópica de uma outra sociedade possível, mais comunitária e libertária, partindo da explosão cultural que se insurgia contra uma sociedade agora percebida como recalcada e opressiva.

O termo “contracultura”, no que tange aos entornos dos anos 1960, refere-se a um movimento cultural posterior à Guerra Fria que se desenvolveu inicialmente nos Estados Unidos, no contexto dos movimentos estudantis e da Guerra do Vietnã, espalhando-se em seguida a diversos outros países. Localiza-se, grosso modo, entre o final da década de 1950 e o início da década de 1970, tendo como ponto mais alto o

período entre 1965 e 1972. Além das já citadas manifestações do período pela liberdade de expressão, pelos direitos das mulheres e negros, pela liberação sexual, pelo movimento pacifista e anti-guerra, pela defesa da ecologia e o combate a autoritarismos de todos os tipos, a contracultura abarcava também a experimentação e o uso de substâncias lisérgicas e drogas mais leves, como a maconha, a disseminação de práticas esotéricas vindas do Oriente, novas bandas pop, de rock e folk, e a formação de comunidades alternativas nas quais comunidades hippies passariam a se formar, longe dos grandes centros urbanos, em busca de uma vida livre e comunitária integrada à natureza, independente e longe dos grilhões da civilização e do “sistema”. A oposição a este, cujo início muitas vezes se localiza a partir do assassinato do presidente Kennedy, se daria de forma mais direta tanto nos embates dos jovens com a polícia (como os diversos *sit-ins* e o famoso protesto de 1968 na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, entre tantos outros), quanto nas manifestações de rua contra a guerra, pelos direitos civis e na chamada “Nova Esquerda” americana.

A coletânea **Maio de 68**, organizada por Sérgio Cohn e Heyk Pimenta, traz a tradução de uma série de depoimentos e entrevistas sobre o período, que permitem conhecer o contexto em que se deu a contracultura: Jean-Paul Sartre, Daniel Cohn-Bendit, Edgar Morin, Maurice Jouyex, Henri Lefebvre, Roel Van Duyn, Rudi Dutshke, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Allen Ginsberg, Gary Snyder, Timothy Leary, Barry Miles, Peter Berg, Peter Coyote e Abbie Hoffman discutem, muitos em primeira mão e no calor da hora, o maio de 1968, em seus aspectos culturais, históricos, políticos, filosóficos e artísticos, em um pequeno livro que nos parece uma excelente introdução ao período e a facetas diversas da chamada contracultura. Da internacional situacionista aos hippies e happenings, de Paris à Universidade Livre de Berlim, dos *sit-ins* a ideais de liberdade e sua teorização, o volume traz o sabor e a crítica de toda uma estrutura de sentimento do período, em que idealismo e criatividade almejavam uma nova sociedade, aparentemente de alcance muito próximo.

Contudo, conforme os organizadores anunciam já na apresentação do volume, ainda que 68 tenha triunfado na inserção de novos e importantes temas na agenda social e na conquista de profundas mudanças de comportamento, seu teor revolucionário rapidamente se dissiparia: na França, as eleições de junho levam em seguida às rebeliões o general De Gaulle ao poder; nos Estados Unidos, o movimento pareceu exaurir-se por conta própria, engolido pelo mercado ou vítima talvez de um “excesso de

bobagens”, como o afirma certa vertente de avaliações – noção essa que na realidade escamoteia toda uma repressão sistemática e organizada ocorrida contra as manifestações, o que se pode comprovar, por exemplo, pelas diversas ações contra movimentos hippies e negros constantes nos arquivos do FBI.

Ainda em relação à contracultura, cabe lembrar que, embora lembrado como um movimento jovem, muitos de seus expoentes não eram adolescentes inconsequentes, muito ao contrário, como é o caso dos artistas então já quarentões Allen Ginsberg, Gary Snyder e Timothy Leary, ou os intelectuais Guy Debord, ou Sartre, Marcuse, Morin e Adorno.

No Brasil, os “anos 1960” são necessariamente associados aos chamados “anos de chumbo”, pautados pelo golpe militar em 1964 e o recrudescimento do regime nos anos que se seguiram; a repressão violenta aos estudantes teve início no Rio de Janeiro em março de 1968, quando Edson Luís de Lima Souto, um jovem de 17 anos, foi baleado pela polícia que invadira o restaurante Calabouço, frequentado por estudantes. Em sua missa de sétimo dia, uma passeata de 50 mil pessoas, assediadas por sucessivas cargas da cavalaria militar, transformaria o Rio em praça de guerra. A revolta se espalharia por centros universitários em diversas cidades pelo país afora, e resultaria em dezenas de presos, feridos, baleados e mais mortes. Em 26 de junho do mesmo ano, a Marcha dos Cem Mil no Rio de Janeiro contou com o apoio de intelectuais, artistas, padres, professores, pais e mães, o que assegurou o freio à repressão policial. Blindados nas ruas (os denominados “brucutus” e “tatus”) pautavam o clima de insegurança, agressões, depredações e bombas. No mês de outubro, em São Paulo, o confronto Mackenzie vs. Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, na Maria Antônia, resultou na morte do secundarista José Guimarães, baleado na cabeça. Ainda em outubro, 720 estudantes eram presos em Ibiúna, em um congresso da UNE, e em 13 de dezembro o general Costa e Silva ordenaria o fechamento do Congresso Nacional por tempo indeterminado, suspendendo as garantias constitucionais e inaugurando, com a instituição do famigerado ato AI-5, o período mais obscuro da ditadura militar no país. A produção artístico-cultural dos anos 1960 assenta-se assim, necessariamente, em relação a esse contexto de repressão, que foi bravamente combatido, no meio artístico, por importantes expoentes da música, do cinema e do teatro brasileiros. Ainda quando perseguidos pela polícia, exilados ou torturados, uma série de artistas engajados tiveram papel primordial em um dos capítulos mais intensos e artisticamente relevantes da

produção cultural no país, revelando de forma combativa muito da inquietação e opressão do período.

Fredric Jameson (1984) aponta que a ideia mais recorrente sobre os “anos sessenta” é a impressão de que, ali, tudo era possível, de que este foi um período de liberação universal, de uma liberação mundial de energias – o período em que os “*nativos*” *tornaram-se seres humanos*, em que os colonizados internos do Primeiro Mundo (minorias, marginais, mulheres) conquistaram o direito de falar em uma nova voz, coletiva, jamais antes ouvida no palco do mundo. No entanto, essas novas “identidades” coletivas, ou esses novos “sujeitos históricos” “liberados” das classes sociais, possibilitados dada uma conjuntura maior e anterior (que inclui, na década de cinquenta, o macarthismo, a expulsão dos comunistas do movimento trabalhista norte-americano, entre outros), agora atomizados, acabariam por obscurecer a consciência de classe operária. Jameson aponta como os anos sessenta foram, na realidade, um período de crescimento do capitalismo em escala global, um período de transição de um estágio infra-estrutural do capitalismo para outro, e que produziu concomitantemente uma imensa soma de energias e forças sociais de mudança que se configurariam como uma ilusão histórica, redundando, algumas décadas mais tarde, no capitalismo tardio, na chamada globalização.

A lista de livros que se sugere a seguir busca apontar leituras distintas entre si da chamada contracultura, que a consideram a partir de premissas ideológicas ou perspectivas temáticas distintas. São leituras primordialmente referentes ao contexto norte-americano, de onde teria irradiado o fenômeno. A lista não constitui, obviamente, um esgotamento do tema, por si só tão abrangente e controverso, mas, ao contrário, busca levantar diferentes vertentes de observação e crítica relacionadas ao mesmo fenômeno.

Uma obra que cobre o ano emblemático de 1968 nos EUA é o livro bastante conhecido de Charles Kaiser: **1968 in America. Music, Politics, Chaos, Counterculture, and the Shaping of a Generation**. Escrito do ponto de vista de um jovem branco de classe média que viveu o período, inclui relatos pessoais, além de contemplar a análise de fatos e aspectos que vão do desenrolar da política, que é seu fio central, a manifestações culturais distintas. Bob Dylan, os Beatles, Bobby Kennedy, Lyndon Johnson, Martin Luther King e o grave espectro da guerra do Vietnã, entre

outros, perpassam a narrativa comentada de Kaiser. No campo cultural, um capítulo interessante, no que tange à música, é o de número nove: *Rock of Ages*, que reconta a história de alguns de seus principais ícones musicais no período.

Também no contexto norte-americano, o DVD **Berkeley in the Sixties**, de Mark Kitchell, é um belo documentário audiovisual que inclui gravações de eventos fundamentais da década de 1960 nos EUA. Parte-se do início do movimento pela liberdade de expressão (o *free speech movement*) deflagrado na Universidade de Berkeley, Califórnia, que daria início às rebeliões estudantis no país e na década, além de registros importantes das manifestações pelos Direitos Civis (*Civil Rights Movement*) e de passeatas e manifestações contrárias à guerra. Entremado por entrevistas recentes e avaliações de alguns dos líderes do período, o documentário apresenta ainda o movimento combativo dos Panteras Negras (*Black Panthers*, que lutavam pelos direitos dos afro-americanos) e os desdobramentos do movimento feminista. Para além da zona da política, o documentário apresenta ainda importantes aspectos e registros da contracultura, relacionados aos fluxos de jovens e seus estilos e práticas de vida adotados no período, compondo uma boa introdução à década.

The Sixties – Years of Hope, Days of Rage, de Todd Gitlin, é outra obra que repassa detalhadamente a década, com atenção a diversos dos aspectos que a caracterizam: desde a movimentação política geral, como o faz Kaiser, até o dimensionamento do movimento pacifista, a luta das mulheres, o ideal revolucionário e político na década, e o movimento hippie e suas repercussões. Também mesclando à análise trechos de relato pessoal, tem especial destaque no que se refere ao registro das ações do grupo estudantil radical SDS (*Students for a Democratic Society*) e aos desdobramentos do debatido caso dos “8 de Chicago” (*Chicago 8*), julgamento político de oito rapazes detidos em uma manifestação no Grant Park contra a Guerra do Vietnã (de que participaram cerca de 15 mil pessoas). O julgamento dos rapazes, acusados de conspiração e incitação à desordem, duraria meses, envolvendo depoimentos de diversos líderes ou figuras e artistas importantes da esquerda no período, como os cantores Phil Ochs, Judy Collins e Arlo Guthrie; Norman Mailer and Allen Ginsberg; Timothy Leary e o Reverendo Jesse Jackson.

Indo em direção contrária às análises que enxergam a contracultura como simplesmente proveniente da revolta contra os valores consumistas na sociedade de

massas, Thomas Frank argumenta, de modo original, em **The Conquest of Cool. Business Culture, Counterculture and the Rise of Hip Consumerism**, em favor das estreitas relações entre a contracultura e a indústria. Rejeitando também a corrente conservadora que vê na década de 1960 e na contracultura uma tentativa esquerdista radical de minar e destruir a (boa) civilização ocidental, Frank argumenta pela cooptação da contracultura pelo mercado, ou ainda, pela crítica ao sistema capitalista como seu próprio elemento gerador e fortalecedor. Nesse sentido, a contracultura teria sido muito menos revolucionária do que se pretendia, e na realidade o produto de uma série de campanhas de propaganda que teriam iludido um público muito menos subversivo do que acreditava ser.

De modo similar, Joseph Heath e Andrew Potter refutam, em **Nation of Rebels- Why Counterculture Became Consumer Culture**, a ideia ou mito da contracultura como sendo um universo à parte e independente/externo ao mundo do consumo. Segundo os autores, que mesclam análises histórico-filosóficas da cultura pop, o repúdio mero e simples da “cultura dominante” apenas reforça a própria sociedade de consumo contra a qual parece se insurgir, e a rebeldia propagada é meramente simbólica, subjacente à cultura do lucro.

Dentre as obras aqui citadas, **The Sixties Unplugged – a Kaleidoscopic History of a Disorderly Decade**, de Gerard J. De Groot, é certamente a leitura mais conservadora, tendo por função desacreditar o potencial utópico que estaria supostamente presente no espírito da época. Como sugere o título, *The Sixties Unplugged...* advoga que os anos 1960 formam um período ilógico, uma espécie de caleidoscópio que comporta diversas facetas isoladas e fragmentárias, as quais, conforme o movimento, podem gerar imagens complexas, mas que não compõem de fato uma totalidade. O autor passa assim isoladamente por diversos momentos e fatos importantes da década, concluindo pela inevitabilidade da guinada à direita que se seguiria ao período da contracultura. Embora não subscrevamos a tese geral de De Groot, sua leitura é relevante na medida em que apresenta argumentos local e isoladamente válidos, que servem de partida para análises distintas.

Framing the Sixties – The Use and Abuse of a Decade from Ronald Reagan to George W. Bush, de Bernard von Bothmer, parte de uma interessante abstração conservadora tanto dos anos 1960 como da ideia de contracultura enquanto mecanismo

de instrumentação política concebido pela direita, no contexto das subsequentes disputas eleitorais pelo poder. Bothmer retoma a importância simbólica dos chamados anos 1960 nos discursos políticos tanto da direita quanto da esquerda americana, evitados de clichês e reducionismos oportunistas, e avalia como os candidatos e presidentes Ronald Reagan, George H.W. Bush e George W. Bush, Bill Clinton, e John Kerry teriam todos retirado noções surgidas nesse período e criado, a partir de interesses próprios, projeções de ordem política e social, elevando ou demonizando essa era na reconstrução distorcida do que teria sido e significado o período. Vistas alternadamente como uma era de renovação de esperanças, liberdade e lutas progressistas ou como um período fútil e icônico de bobagens, alienação, comportamentos condenáveis e políticas subversivas e antinacionalistas, Bothmer destrinche e analisa tais visões dos “anos sessenta” nas variantes dos discursos políticos que se lhe seguiram.

Um último e importante livro sobre a contracultura e os anos sessenta nos Estados Unidos é **What Really Happened to the 1960s – How Mass Media Culture Failed American Democracy**, de Edward P. Morgan. Aqui, o autor também se vale da discussão da mídia *mainstream*, contemporânea, que distorce propositalmente a história e memória do período, “apagando” seu potencial utópico e a crítica ao *establishment*, de modo a intensificar a sensação de alienação e o conservadorismo, mostrado como único viés possível e realizável no mundo atual. Partindo da premissa da distorção da história, Morgan discute as contradições inerentes ao período, a dialética do empoderamento, o discurso midiático referente às questões de raça, gênero e classe, e à Guerra do Vietnã, a questão das imagens, a criação dos ícones negativos do período (os assim vistos “bad sixties”), a domesticação e cooptação capitalista da história do período, as projeções da contracultura no período Reagan, o mercado nostálgico da contracultura e sua sátira, os discursos de guerra e das políticas culturais, e a cultura midiática frente ao futuro da democracia.

Seria preciso, decerto, partir de um número muito maior de obras para que pudéssemos contemplar minimamente e em maior detalhe cada uma das principais veredas que compõem a chamada contracultura – aprofundando temas como sua produção artística; sua música nas vertentes pop, rock e folk; sua experiência pelos ditos meandros da expansão da consciência, abrangendo das experiências lisérgicas aos ritos e práticas esotéricos hindus e orientais que se introduziram; suas explorações no campo do teatro político e vivencial de grupo; as comunidades alternativas cujos jovens anos

depois retornaram ao “sistema”, e também os que ali se firmaram e seu legado político e cultural local; os desdobramentos específicos dos movimentos negro, feminista e ecológico, entre muitos outros. As indicações aqui presentes servem apenas como introdução mais geral ao tema, ou um possível solo histórico-político-social em que se possam firmar as análises mais específicas. A própria discussão, difícil e polêmica sobre o potencial progressista na realidade histórica dos anos sessenta, não é de avaliação consensual.

Buscando apenas minimizar uma grande lacuna que faltaria preencher, referente ao tema, mencionamos ainda uma obra que se refere ao não menos importante contexto britânico: **Sixties Britain. Culture, Society and Politics**, de Mark Donnelly, discute do pós-guerra ao retorno do conservadorismo no final da década de 1960, passando pela cultura jovem, as políticas raciais, a ousadia e suposta permissividade da contracultura britânica, a liberação feminina e o cinema, entre outros.

Fica aqui, portanto, a título de sugestão, um pequeno cardápio para possíveis avaliações, de variados sabores da história de uma década que, cerca de meio século depois, de maneira bastante vívida, ainda influencia e incomoda e/ou agrada a muita gente.

REFERÊNCIAS

BOTHMER, Bernard Von Framing the Sixties – The Use and Abuse of a Decade from Ronald Reagan to George W. Bush. University of Massachusetts Press, 2010.

COHN, Sérgio e PIMENTA, Heyk (Org.). *Maió de 68.* Coleção Encontros. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2008.

DEGROOT, Gerard J. *The Sixties Unplugged – a Kaleidoscopic History of a Disorderly Decade.* Cambridge, Harvard University Press, 2008.

DONNELLY, Mark. *Sixties Britain. Culture, Society and Politics.* Harlow, Pearson Education, 2005.

FRANK, Thomas. *The Conquest of Cool. Business Culture, Counterculture and the Rise of Hip Consumeris.* The University of Chicago Press, 1998.

GITLIN, Todd. *The Sixties. Years of Hope, Days of Rage*. New York, Bantam, 1987.

HEATH, Joseph & POTTER, Andrew. *Nation of Rebels- Why Counterculture Became Consumer Culture*. New York, Harper Business, 2004.

JAMESON, Fredric. "Periodizing the sixties" in *The Ideologies of Theory, Essays 1971-1986*, Volume 2, pp.181 e 207. Duke University Press, 1984.

KAISER, Charles. *1968 in America. Music, Politics, Chaos, Counterculture, and the Shaping of a Generation*. New York, Grove, 1988.

MORGAN, Edward P. *What Really Happened to the 1960s. How Mass Media Culture Failed American Democracy*. University Press of Kansas, 2010.

DVD:

KITCHELL, Mark (diretor/ produtor). *Berkeley in the Sixties*. Firsruntimefeatures, 2002.
(117 min.)